

USO DE METILFENIDATO E LISDEXANFETAMINA POR UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

AUTORES

BARROS VILAR DOS SANTOS, Maria Eduarda

SACHI GATO, Lorena

CUNHA MENDONÇA PERUCHE, Paulo Ricardo

NISHIMURA MEGIANI, Isabela

STEFANIN PASTRELO, Eloisa

PRADO MACHADO, Ana Laura

DIAS DA SILVA FERNANDES TRENTTO, Rafael

DIAS DA SILVA FERNANDES TRENTTO, Sophia

Discentes da União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO

DIAS DA SILVA FERNANDES, Josefa Maria

Docente da União da Faculdade dos Grandes Lagos-UNILAGO

RESUMO

Em períodos de estudos e estresse acadêmico, é observado no meio universitário, principalmente da área da saúde, o consumo abusivo de fármacos, especialmente o cloridrato de metilfenidato (Ritalina) e a lisdexanfetamina (Venvanse), drogas lícitas, prescritos para o controle de ansiedade, TDAH e melhora cognitiva. A proposta do presente estudo é realizar uma breve revisão bibliográfica e analisar o uso e as consequências dessas drogas lícitas, à saúde física e mental dos universitários, se o uso displicente pode gerar quadros de dependência, ansiedade e depressão. Para tanto, após análise criteriosa de artigos publicados nos últimos dez anos, encontrados em bases de dados eletrônicos como Scielo, Pubmed e USP, foram selecionadas referências que atendem essa revisão bibliográfica, sendo fundamentais para a inspiração e o embasamento de medidas de controle quanto à utilização dessas substâncias em meio universitário.

PALAVRAS - CHAVE

TDAH; Drogas Lícitas; Metilfenidato; Lisdexanfetamina; Área da Saúde, Universitários.

1. INTRODUÇÃO

O uso de drogas lícitas, mais especificamente lisdexanfetamina (Venvanse) e metilfenidato (Ritalina), medicamentos que se sujeitam ao controle da portaria nº 344/98, legislação que dispõe sobre medicações sujeitas a controle especial, estão sendo utilizados com mais frequência por estudantes saudáveis da área da saúde, como meio de elevar a concentração e o foco para estudar em situações de estresse acadêmico (CERQUEIRA et al., 2021).

Lisdexanfetamina (Venvanse) é uma droga estimulante do sistema nervoso central, usada principalmente no tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em pacientes de seis anos ou mais, para aumentar a capacidade de concentração. É válido ressaltar que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) concedeu, em julho de 2010, a comercialização desse medicamento no Brasil, com o nome de Venvanse. Esse medicamento também é indicado em casos de falha na terapêutica inicial com metilfenidato e de compulsão alimentar (CERQUEIRA et al., 2021).

O cloridrato de metilfenidato (Ritalina), como é um estimulante do sistema nervoso central responsável pelo aumento da concentração e pela diminuição da sonolência, é indicado para o tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças e adultos. Também pode ser usado para tratamento de narcolepsia. É contraindicado para pessoas que sofram de ansiedade, tensão, agitação, hipertireoidismo, hipertensão grave, angina, doença arterial oclusiva e insuficiência cardíaca. (CARNEIRO et al., 2021).

É importante destacar que o uso crescente dessas substâncias sem receita médica provoca problemas que devem ser analisados e pesquisados. Além dos efeitos colaterais comuns, como perda de apetite e insônia, dores de cabeça, sensação de opressão no peito, taquicardia, tremores e mãos úmidas, boca seca e aumento da ansiedade, o consumo dessas medicações está fortemente relacionado a pensamentos suicidas (CERQUEIRA et al., 2021).

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo analisar artigos que abordam a interação do Venvanse e da Ritalina no organismo do usuário, identificando possíveis mudanças fisiológicas e emocionais. E se potencializa os quadros de depressão e riscos de suicídios. Portanto, analisar o impacto causado, a fim de promover a reflexão sobre esse tema, sobretudo, no que diz respeito a tentativas de encontrar meios para a diminuição do uso.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada trata-se de uma revisão sistemática sobre drogas lícitas, fundamentalmente sobre os fármacos cloridrato de metilfenidato, conhecido comercialmente por Ritalina, e a lisdexanfetamina, também chamada de Venvanse, usados por universitários da área da saúde como forma de combater os déficits de atenção, a depressão e ansiedade. Desse modo, a seleção da literatura baseou-se em artigos científicos publicados nos últimos dez anos nas bases eletrônicas Scielo, Pubmed e USP.

Foram selecionadas algumas referências, após a leitura sistemática de diversos outros artigos encontrados por descritores como: depressão, estudantes da área da saúde, ansiedade, TDAH, drogas lícitas, dentre outros, e análise criteriosa de fatores, relacionados ao tema do presente estudo, que atendessem criteriosamente aos objetivos propostos. Sendo assim, os demais artigos foram excluídos por não atenderem à linha de investigação deste artigo de revisão e ao público-alvo: estudantes brasileiros da área da saúde, maiores

de 18 anos, e que fazem uso de drogas lícitas como meio de combater déficits de atenção, depressão, ansiedade e aprimoramento cognitivo. Portanto, houve cuidadosa seleção de artigos e dados, optando pelas informações mais relevantes e de enfoque na utilização dos medicamentos Venvanse e Ritalina, bem como nos seus efeitos e suas consequências.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Psicoestimulantes

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é o transtorno neurocomportamental presente em 5,3% da população mundial, sendo mais comum em crianças, de modo que 60% das crianças diagnosticadas apresentarão sintomas na vida adulta, levando, conseqüentemente, a um percentual de 2,8% entre adultos diagnosticados no Brasil (SÔNEGO et al., 2021). O TDAH é caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade, além de, um modo geral, estar associado aos piores desempenhos acadêmicos (MATTOS, 2014). Dentre as causas, uma série de estudos apontam que o aspecto biológico com maior aceitação é a questão genética, evidenciada em aproximadamente 75% dos casos. Em pesquisa realizada por Smoot et al. (2007), está relacionado ao metabolismo de neurotransmissores, como dopamina, noradrenalina e serotonina (LAVAGNINO et al., 2018).

Entretanto, vale salientar que estudos apontam para características neurais divergentes entre pessoas com TDAH e pessoas que não apresentam o transtorno, tais como o tamanho do cérebro e de regiões específicas, sobretudo aquelas relacionadas com a dopamina, incluindo alterações nos circuitos cerebrais (LAVAGNINO et al., 2018). Quanto ao tratamento, deve ser realizado de forma multidisciplinar, de modo que haja abordagens psicossociais e farmacológicas (MISSAWA e ROSSETTI, 2022).

Os medicamentos psicoestimulantes são drogas que aumentam a disponibilidade sináptica de noradrenalina e dopamina, inibindo seus transportadores, reduzindo a recaptação sináptica e promovendo maior disponibilidade dessas substâncias com atuação no Sistema Nervoso Central, em regiões específicas, o que contribui para resultados acadêmicos melhores por meio de melhores mecanismos fisiológicos de aprendizagem (FINGER et al., 2013). Recentes pesquisas demonstram que as principais substâncias utilizadas com essa finalidade são cafeína, bebidas energéticas, anfetaminas, ecstasy e, especialmente, os fármacos metilfenidato e lisdexanfetamina, sendo estes dois últimos comumente utilizados no tratamento de TDAH (MORGAN et al., 2017).

4.2 Metilfenidato e Lisdexanfetamina

O metilfenidato (Ritalina) é o fármaco utilizado no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em crianças e adultos com narcolepsia e cataplexia, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Trata-se da substância psicoativa mais utilizada no mundo (ONU, 2011) e no Brasil (o segundo maior consumidor), e sofreu uma crescente exportação, aumentando 300% de 2012 para 2013, segundo dados de 2015 da ONU.

O crescimento global do consumo de Ritalina está associado ao seu uso não terapêutico, desvinculado de diagnóstico confirmado (ESHER, 2017), como revela uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): entre os 5% dos estudantes que afirmaram fazer o uso do metilfenidato, 27% conseguiram adquirir o fármaco sem prescrição médica (CERQUEIRA et al. 2021). Os universitários utilizam esse medicamento em períodos de provas, para aprimorar sua capacidade intelectual e aumentar seus rendimentos (CARVALHO et al., 2014), por isso a Ritalina é conhecida como a “droga da inteligência”.

Outro fármaco utilizado para tratamento de TDAH com eficácia comprovada é a lisdexanfetamina (Venvanse). Entretanto, são relatados diversos sintomas em consequência do uso em criança, como perda de apetite, tontura, boca seca, irritabilidade, insônia, dor abdominal superior, náuseas, vômitos e perda de peso (MATTOS, 2014). Vale destacar, ainda, que seu uso abusivo pode levar a dependência psicológica (TAKED, 2021). Apesar disso, seu crescente uso está, com frequência, desvinculado de diagnóstico, uma vez que está diretamente relacionado às suas propriedades psicoestimulantes. E, nesse sentido, é usado pelos estudantes para fins de aprimoramento cognitivo (CARNEIRO, et al; 2021).

4.3 O porquê da busca por esses medicamentos

A busca por melhor desempenho e produtividade na universidade leva a uma taxa de 23,3% do uso de psicoestimulantes por alunos do curso de Medicina, sendo que a Ritalina e o Venvanse são os mais utilizados, representando 73,81% e 42,86%, respectivamente. Da taxa de 23,3%, apresentam diagnóstico médico com prescrição para a sua utilização, mas cerca de 57,1% dos universitários, utilizam indiscriminadamente sem a prescrição e o diagnóstico médico. (Carneiro et al.,2021)

A obtenção desses fármacos, desvinculados de diagnóstico, ocorre principalmente de maneira ilícita, por meio de amigos, parentes e/ou falsas prescrições (AQUINO et al., 2015).

É fundamental ressaltar que, segundo estudos, não há diferença significativa de consumo de estimulantes entre os sexos, apesar da prevalência ocorrer nos estudantes do sexo masculino. Mas, o sexo feminino, por serem mais sensíveis aos efeitos causados pelo uso desses medicamentos, apresentam as maiores taxas de recaída e dificuldade para diminuir o consumo em caso de dependência (RODRIGUES et al., 2022). Os principais motivos alegados para o consumo é compensar a privação de sono e melhorar o desempenho intelectual (MORGAN et al., 2017). Entre os efeitos do uso dessas substâncias, os principais são cefaleia, taquicardia, insônia e boca seca (AFFONSO et al., 2016).

Além disso, em uma pesquisa sobre o uso de estimulantes cerebrais por universitários de medicina em uma universidade do extremo sul do Brasil, o consumo de metilfenidato melhorou o raciocínio em 90,9% dos usuários, melhorou a concentração em 70,8% e reduziu o sono em 81,2%. Isso justifica as altas taxas de adesão do fármaco pelos universitários (MORGAN et al., 2017).

4.4. Análise de dados sobre estudos com alunos de medicina

Os alunos do curso de Medicina representam o grupo de universitários que mais fazem uso indiscriminado de psicoestimulantes, sem preocupação com seus efeitos adversos. Isso ocorre devido à extensa grade curricular, aos momentos de estresse e pressão, à sobrecarga física e emocional (NETO et al., 2018), como exemplifica a pesquisa citada acima, na qual 57,5% dos estudantes já utilizaram algum estimulante durante a vida e 51,3% começaram a usar durante a faculdade. Apesar da maioria ser universitário do curso de Medicina, a potencialização do desempenho cognitivo apresentado é atrativa para universitários de vários cursos, que também fazem uso dessas substâncias especialmente em vésperas de exames. Dessa forma, notoriamente o uso perigoso pode ser destacado, visto que o estado de atenção desencadeado pelos remédios contribui para a irritabilidade e impede o descanso necessário para a consolidação da memória, impedindo, assim, a aprendizagem de modo efetivo.

Diante disso, uma pesquisa de 2018, realizada na Faculdade de Medicina em Brasília (DF), onde foi analisada a frequência do uso de metilfenidato entre os estudantes do curso de medicina, revela que, entre os

19,1% dos alunos que afirmaram ter feito o uso de Ritalina, a minoria de 10,74% reconhece o seu mecanismo de ação (TOLENTINO e NETTO, 2019).

4.5. Automedicação de psicoestimulantes e o efeito placebo

A automedicação das drogas psicoativas representa um problema de saúde pública. Isso porque estudos demonstram uma série de sintomas adversos relacionados ao seu uso, como abstinência, fadiga, depressão, insônia, irritabilidade, hiperatividade e psicose (NETO et al., 2018). Além desses, podem ocorrer alucinações, ansiedade, cefaleia, tontura, taquicardia, náuseas, vômitos, diarreia, redução ou perda do apetite, perda de peso, dores abdominais, alterações hipofisárias e sexuais. Ademais, a longo prazo, o uso contínuo gera o efeito rebote, em que a retirada espontânea da medicação acentua a insônia, leva à depressão, exaustão vespertina, além de efeitos cardiovasculares e redução da estatura (NETO et al., 2018; MENEZES et al., 2021). Por isso, nem sempre os benefícios para uma pessoa saudável, sem diagnóstico clínico e prescrição médica, podem ser garantidos, de modo que a ANVISA não reconhece a eficácia e a segurança do metilfenidato fora de suas indicações de uso, salientando, ainda, entre os efeitos colaterais dessas drogas, o aumento de condições predispostas ou pré-existentes, como ansiedade, arritmias cardíacas e glaucoma (NETO et al., 2018).

Convém apontar que um estudo universitário, realizado na Bélgica, revela que não houve diferença importante na performance em uma série de testes entre estudantes saudáveis, que usaram metilfenidato no experimento, e aqueles que receberam placebo. Destaca-se, também, que os participantes que acreditavam ter recebido a medicação apresentaram resultados significativamente melhores do que aqueles que presumiram ter recebido placebo (MOMMAERTS et al., 2013). Portanto, esses dados confirmam a tese de outros estudos que defendem o efeito placebo do metilfenidato nos alunos, em que o simples pensamento de tomarem algo para ajudá-los já resultaria em melhora na cognição.

5. CONCLUSÃO

A presente revisão possibilita concluir que o metilfenidato e lisdexanfetamina são os psicoestimulantes mais utilizados entre os universitários de diversas áreas, com destaque para os que cursam Medicina, na busca do aumento de seu desempenho acadêmico, de sua capacidade cognitiva e da privação do sono. Apesar de a maioria dos universitários que fazem uso desses estimulantes apresentarem diagnóstico e prescrição médica, uma parcela considerável de universitários faz uso ilegal, sem diagnóstico e prescrição médica.

Desse modo, assumem um risco desnecessário à sua saúde, uma vez que os efeitos colaterais resultantes podem atrapalhar em vez de beneficiar, em muitos casos, em consequência do efeito placebo da medicação. Além do mais, essa classe de fármacos gera uma série de sintomas a curto prazo e a longo prazo, podendo levar a graves condições, como dependência e depressão, e acentuar condições predispostas ou pré-existentes. Assim, há uma influência social importante ao analisar a utilização desses medicamentos, pois o uso excessivo e indiscriminado pode tornar-se um problema de saúde pública. Além disso, serve de apoio acadêmico para futuras pesquisas na área de saúde universitária, futuros programas de conscientização e controle da utilização desses fármacos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, R. D. S. et al. O uso indiscriminado de psicoestimulantes pelos estudantes da faculdade Anhanguera de Brasília- Fab. Infarma - Ciências Farmacêuticas, v. 28, n. 3, p. 166–172, 30 set. 2016. DOI:[10.14450/2318-9312.v28.e3.a2016.pp166-172](https://doi.org/10.14450/2318-9312.v28.e3.a2016.pp166-172).

AQUINO A.A, et al. O uso ilegal de psicoestimulantes farmacológicos por estudantes universitários: uma análise a partir dos silenciamentos da série Narcos (2015) e da lei 11.343 DE 2006. XXVIII Congresso Iniciação Científica - UFPel, 2019. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/SA_03855.pdf.

CARNEIRO, N. B. R.; GOMES, D. A. DOS S.; BORGES, L. L. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 2, p. e5419, 2 fev. 2021. <https://doi.org/10.25248/reas.e5419.2021>.

CERQUEIRA, N. S. V. B.; ALMEIDA, B. DO C.; CRUZ JUNIOR, R. A. Uso indiscriminado de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes universitários para aperfeiçoamento cognitivo. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 10, p. 3085–3095, 23 nov. 2021. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.3014>.

ESHER, A.; COUTINHO, T. Uso racional de medicamentos, farmacêuticalização e usos do metilfenidato. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, n. 8, p. 2571–2580, ago. 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.08622017>.

FINGER, G.; SILVA, E. R. da; FALAVIGNA, A. Use of methylphenidate among medical students: a systematic review. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 285-289, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.ramb.2012.10.007>.

LAVAGNINO, N. J.; BARBERO, S.; FOLGUERA, G. Caracterización, alcances y dificultades de las “bases biológicas” del Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH). Un enfoque desde la Filosofía de la Biología. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 28, n. 1, 24 maio 2018. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280110>.

MATTOS, P. Lisdexamfetamine dimesylate in the treatment of attention-deficit/hyperactivity disorder: pharmacokinetics, efficacy and safety in children and adolescents. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 41, n. 2, p. 34–39, mar. 2014. <https://doi.org/10.1590/0101-608300000000007>.

MENEZES, J. W. R. DE; MAIA, J. L. F. Uso de metilfenidato nos estudantes da graduação de medicina em universidades brasileiras: uma revisão bibliográfica. Revista Eletrônica Acervo Científico, v. 25, p. e7616, 21 maio 2021. <https://doi.org/10.25248/reac.e7616.2021>.

MISSAWA, D. D. A.; ROSSETTI, C. B. Psicólogos e TDAH: possíveis caminhos para diagnóstico e tratamento. Construção psicopedagógica, v. 22, n. 23, p. 81–90, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542014000100007.

MOMMAERTS, J.L. et al. Influence of methylphenidate treatment assumptions on cognitive function in healthy young adults in a double-blind, placebo-controlled trial. Psychology Research and Behavior Management, p. 65, ago. 2013. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S47526>.

MORGAN, H. L. et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 41, n. 1, p. 102–109, jan. 2017. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160035>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Report of the International Narcotics Control Board for 2011. State 2010, 2011.12. Disponível em: https://www.incb.org/documents/Publications/AnnualReports/AR2011/AR_2011_English.pdf.

RODRIGUES, L. DE A. et al. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. Cadernos Saúde Coletiva, v. 29, n. 4, p. 463–473, dez. 2021. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129040437>.

SÔNEGO, M. et al. Exploring the association between attention-deficit/hyperactivity disorder and entrepreneurship. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 43, n. 2, p. 174–180, abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0898>.

TAKEDA. Venvanse: Dimesilato de lisdexanfetamina. Takeda, [S.l.], v. 55, n.55,p.117,mar./2021. Disponível em: https://www.takeda.com/4ad1bb/siteassets/pt-br/home/what-we-do/produtos/venvanse_bula_paciente.pdf.

TOLENTINO, J. E. de F.; SILVA NETTO, J. P. da. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. Comunicação em Ciências da Saúde, Brasília, v. 30, n. 01, 2019. Disponível em: <http://repositorio.fepecs.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/160/1/396-Outros-3562-1-10-20200719.pdf>.

VASCONCELOS NETO F. C. C. V. et al. O Uso Não Prescrito De Metilfenidato Entre Acadêmicos De Medicina: Uma Revisão De Literatura. Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, 5 (4): 759-773, jul./set. 2018, ISSN: 2358-7490. Disponível em: https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_20/Trabalho_10.pdf.